

PAPAGAIOS DE PAPEL

*Os alfandegários de Santos
Examinaram minhas malas
Minhas roupas
Mas se esqueceram de ver
Que eu trazia no coração
Uma saudade feliz
De Paris.*

Oswald de Andrade

Macunaíma, o grande desconstrutor de linguagens, ao voltar de canoa para o Uraricoera, traz na mala o contrabando de signos de diferentes origens e, entre os mais visíveis, um casal de galinhas Legorne, um revólver Smith Wesson e um relógio Pathek Philipe. Transforma São Paulo em bicho preguiça de pedra, como se estivesse inscrevendo, nesse gesto mágico, o epitáfio da civilização do trabalho. O desejo de apagar essa imagem não impede que se apodere de seus restos culturais, produtos importados que funcionam, emblematicamente, como o traço de ambivalência de Macunaíma, situado no limite entre a civilização e a barbárie.

O contrabando amoroso com a civilização estrangeira é a perdição do herói, estigmatizado no encontro com Vei, a Sol, que o condena à mortalidade, por ter preferido a portuguesa às suas filhas. Mesmo sabendo que teria como dote, "Oropa, França e Bahia", prometido sob a forma de uma frase estereotipada, Macunaíma segue contrabandeando signos e rompendo o limite das linguagens, ao plagiar o Brasil naquilo que ele tem de mais plagiável: sua falta de caráter. O comércio de signos, o mimetismo lingüístico do herói, metaforizado na imagem do papagaio — o que repete e reduplica linguagens — constituem a marca autoral desta obra-prima do Modernismo brasileiro, uma das mais agudas reflexões sobre a identidade nacional.

O papagaio, última testemunha que fica para relatar os feitos do herói ao narrador, representa esta ave sem pouso e

identidade, que desconstrói a visão estagnada de cultura e desconfia das idéias fixas e dos lugares comuns. Macunaíma, encarnando também essa imagem, desloca e põe em movimento o caráter petrificado dos signos, a propriedade do discurso pelo sujeito e o porto seguro das idéias. Trapaceiro e astuto como o jaboti, plagia as histórias e as lendas nacionais e estrangeiras, o discurso retórico dos doutores, os atos de fala, as frases feitas, os provérbios e as adivinhas.

Macunaíma desembarca no meu texto de Doutorado, *Des Mots, des Langages et des Jeux*,³¹ sob a acusação de espelhar seu homônimo mítico, entrando no solo da literatura brasileira com bagagem contrabandeada do alemão Koch-Grünberg. A carta-resposta de Mário a Raimundo Moraes, na qual se defende da acusação de plágio feita por esse folclorista, consiste na entrega corajosa de uma causa, o *desbrasileiramento* do Brasil. Essa causa, entre outras, significava o comércio livre das mercadorias e o diálogo engenhoso com o estrangeiro, em que a noção de propriedade vê-se disseminada pela pirataria das idéias. Sob a marca perversa do plágio e do roubo, Mário deixa sua assinatura na capa de *Macunaíma*, embora reconheça que seu texto desconstrói o conceito de autoria e o de originalidade como mola mestra da criação. Incorpora-se no projeto cultural modernista, ao se interessar, sobretudo, em reinventar a história do Brasil pelo desvio de suas caravelas discursivas. A convivência ambivalente com a cultura estrangeira garantia o fortalecimento dos empréstimos e a abertura dos portos para o tráfico universal: "O projeto andradino, intertextual 'avant la lettre', consiste na articulação de um texto plural, onde a figura do autor se esvai e se multiplica nos textos de que se apropria: o comércio livre dos signos torna-se moeda corrente onde várias vozes circulam sem autoridade nem lei".³²

³¹ SOUZA. *Des mots, des langages et des jeux: une lecture de Macunatma*, de Mário de Andrade.

³² SOUZA. *A pedra mágica do discurso*, p.24. Todas as citações da minha tese seguirão o texto publicado em 1988, pela Editora da UFMG, com título diferente do trabalho original.

A passagem pela alfândega dos portos do meu país não causou nenhuma suspeita, pelo fato de as idéias européias não constituírem ameaça ao bem-estar nacional. Estavam bem instaladas no canto da mala e esperavam, quietas, o momento de se incorporarem noutra realidade. Retornava com o aruaí falador na bagagem, ciente de que o caráter repetidor da linguagem do papagaio revelava bem mais que um gesto mimético e automatizado diante da cultura estrangeira. Trazia, no seu interior, a "traição das frutas do mato", disseminando modelos estereotipados e despindo-se das insígnias de propriedade.

O fato de trabalhar com *Macunaima* no estrangeiro representou um desafio que implicava restrições e dificuldades de toda sorte. Mas o desafio trouxe bons resultados, principalmente por ter-me obrigado a refletir, à distância, e sem os instrumentos analíticos usuais que aqui estariam à minha disposição, sobre a própria questão da identidade cultural. O trabalho visava não à glosa da bombástica frase de Oswald de Andrade, que descobrira o Brasil do alto da Place Clichy, mas à leitura de *Macunaima* num espaço que propiciava o confronto de culturas. Na condição de pesquisadora, via-me também inserida nesse solo, não apenas como espectadora, mas enquanto personagem. Desse lugar pude compor, em fragmentos e nos moldes da rapsódia, pedaços simbólicos de Brasil, texto que contou com a ajuda de amigos brasileiros, tanto no envio de bibliografia como na realização do trabalho, com a ida a bibliotecas especializadas e a sessões do filme e da peça feitos a partir da obra.

O conhecimento da bibliografia teórica francesa facilitou a minha adaptação à Universidade de Paris VII, além de me alertar para outra vertente de abordagem textual, até então relegada a segundo plano. Tive a oportunidade de situar melhor os autores e percebê-los enquanto inseridos no espaço cultural francês. Na qualidade de leitora estrangeira em contato com as teorias no seu solo de origem, conseguia perceber, com clareza, a distinta recepção dessas teorias nos dois meios intelectuais.

A releitura da obra de teóricos franceses efetuou-se de maneira mais sistematizada e à luz de novo enfoque interpretativo.

Desviava o interesse pela abordagem estruturalista antropológica e refazia o trajeto semiológico iniciado no Brasil, centralizando-me, em especial, no exame do discurso e dos procedimentos de linguagem.

A passagem da abordagem estruturalista lévi-straussiana para o enfoque intertextual de caráter discursivo não significou um rompimento com o método estruturalista de análise. Ao apropriar-me de textos pertencentes ao pensamento pós-estruturalista, ampliou-se para mim o horizonte de estudo para questões de ordem semiológica, como a linguagem, o discurso e o sujeito. Se antes privilegiava, na prática intertextual, a articulação entre textos e não entre discursos, embora afirmasse a diferença entre os discursos mítico, ritualístico e literário, nesta nova fase a ênfase irá recair no exame dos atos de linguagem e de sua função na estruturação narrativa e discursiva. Importante ressaltar que, no corpo da tese de doutorado, duas epígrafes de Barthes — uma sobre a linguagem e outra sobre a escrita — selam o compromisso do texto com a sua enunciação.

Como procedimento operatório da análise de *Macunaíma*, a *intertextualidade* propiciou a discussão de vários tópicos no trabalho de tese: a questão da *linguagem* heteróclita utilizada por Macunaíma, alimentada pelos discursos tomados de empréstimo da cultura popular ou da erudita; a noção de *texto* enquanto sistema de signos, abrangendo um campo bem vasto de significação, ao se aplicar tanto a obras literárias quanto a linguagens orais, sistemas sociais ou inconscientes; o lugar do *sujeito* como efeito de discurso, entendendo a intertextualidade como "espelho de sujeitos"; a posição do *autor* como produtor de enunciados já existentes e considerado no seu estatuto impessoal; a natureza da *escrita* e sua diferença com relação à fala, por constituir-se enquanto "suplemento" e inscrição mortuária.

Essa análise, de natureza semiológica, contribuindo para a criação de uma *prática discursiva* e de uma *economia textual*, se deve à abertura trazida pelos estudos de Bakhtine e à sua releitura por Kristeva. Ao propor uma ciência da linguagem que nomeia de "translingüística", Bakhtine ressaltava o caráter dialógico dos textos e

seu comércio discursivo. Apoiando-se na tradição do carnaval e da sátira menipéia, sua concepção de texto literário desvincula-se daquela defendida pelos formalistas russos, a *literariedade*, legitimadora da especificidade do literário. Em contrapartida, a *palavra* bakhtiniana se associa ao discurso, considerada no seu aspecto heterogêneo e plural, além de se inscrever numa determinada tradição cultural.³³

A *prática discursiva*, entendida enquanto articulação entre sujeito e linguagem, acentua o caráter intersubjetivo da enunciação e a confluência de vozes aí presentes: "Como caução a essa prática discursiva, ressaltamos a imagem lingüística representada pela fala do papagaio e do jabuti, imagem que se acha presente em todo o texto. O estranhamento do sujeito em face dos signos e o deslocamento constante do seu sentido reúnem a linguagem de Macunaíma à do próprio papagaio e do jabuti. O herói, enquanto avatar da linguagem do pássaro, registra e veicula as palavras do outro, repetindo-as, sem controle, no ato de enunciá-las. Apropria-se da fala do jabuti, presente em diversos contos dos quais é personagem, e a utiliza como saída astuciosa para suprir a força física".³⁴

A *economia textual*, construída em torno do episódio de base, a pedra e a conquista da muiiraquitã, e de outros sintagmas que formam a estrutura da obra, funciona como pretexto para a leitura dos procedimentos de linguagem e da prática discursiva. A produção textual andradina é composta por vários procedimentos, destacando-se, entre eles, o engendramento da cena narrativa, tecido pela presença de enunciados tomados de empréstimo a outros textos, a criação de personagens saídas das expressões e a construção do *real* da narrativa, pelo processo de desmetaforização de atos de linguagem.

³³ Cf. BAKHTINE. *La poétique de Dostoievski*; SOUZA. *A pedra mágica do discurso*.

³⁴ SOUZA. *A pedra mágica do discurso*, p.34.